

NOTÍCIAS DOS JORNAIS

Curso de arqueologia em Évora

Está a decorrer no Liceu de Évora um curso de arqueologia a cargo do dr. Adelino Marques de Almeida, reitor daquele estabelecimento de ensino. Trata-se de uma iniciativa do Grupo Pró-Évora, com o patrocínio da Fundação Gulbenkian. (*Notícias de Évora*, 7.1.1969).

Novas descobertas no castro de Sabroso

O Prof. Santos Júnior visitou, há dias, o castro de Sabroso para se inteirar da maneira como decorrem as investigações ali em curso. Após uma troca de impressões com o sr. Joaquim Ervedosa e com o Prof. Manuel Marques, delegado escolar naquela vila, ficou assente que se continue na execução do plano já estabelecido que consiste em descobrir os alinhamentos de três fiadas de muralhas já reveladas e refazê-las com as pedras tombadas. Posteriormente, iniciar-se-á o plano concebido para outras escavações. Durante a última campanha foram descobertos novos e curiosos objectos de cerâmica e um grande machado de ferro

com cerca de 4,5 Kgs., (*Jornal de Notícias*, 12.1.1969).

Dólmenes de Vale de Cabra e de Seixas (Moimenta da Beira)

Na Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses a dr.^a Vera Leisner apresentou uma comunicação sobre os primeiros resultados das escavações, nos dólmenes em epígrafe, onde teve a colaboração do dr. Leonel Ribeiro. A propósito, a dr.^a Leisner salientou a importância da cerâmica do dólmen de Vale de Cabra; referiu, também, como se encontravam dispostas as sepulturas. Na galeria do dólmen de Seixas foram recolhidos dois vasos campaniformes, o que, segundo a sua opinião, comprova a utilização deste monumento funerário durante longo período e a expansão para norte do Mondego da cultura do vaso campaniforme (*Primeiro de Janeiro*, 16.1.1969).

Curso de introdução à arqueologia em Braga

Por iniciativa da Câmara Municipal de Braga, e com a colaboração da Faculdade de Filosofia daquela cidade

e da respectiva Junta Distrital, realizou-se a cerimónia da abertura do curso acima indicado, a cargo do dr. José João Rigaud de Sousa. Na primeira lição, o dr. Rigaud de Sousa referiu-se a vários achados arqueológicos da região de Braga e a escavações efectuadas na Falperra e em outros lugares, acompanhando a sua exposição com a projecção de diapositivos (*Primeiro de Janeiro*, 22.1.1969).

Homenagem à memória de Afonso do Paço

No decorrer de cerimónias promovidas pela Associação dos Arqueólogos Portugueses, com o objectivo de prestar homenagem à memória do Tenente-Coronel Afonso do Paço, foi celebrada missa, por sua alma, na Igreja dos Mártires, pelo Rev.º P.º João Pires de Campos a que assistiu além da viúva, sr.ª dr.ª Maria João Lopes do Paço, e outros familiares, numerosas individualidades. À noite, realizou-se na sede da referida Associação uma sessão de homenagem àquele malgrado arqueólogo, presidida pelo General França Borges, presidente da Câmara Municipal de Lisboa que era ladeado pelo Prof. D. Fernando de Almeida e Major Campos e Sousa, respectivamente presidente e secretário-geral daquela agremiação científica.

Abriu a sessão o Prof. D. Fernando de Almeida que elogiou a figura e a obra de Afonso do Paço anunciando, ainda, que, estão programadas outras cerimónias de homenagem à memória

do que foi um dos pioneiros da Arqueologia em Portugal, designadamente a inauguração de um busto na sede da Associação e um colóquio, em Lisboa, destinado não só aos sócios da instituição mas também a todos os que se interessem pela arqueologia.

Falou, depois, o doutor Octávio da Veiga Ferreira que apresentou uma comunicação sobre a figura e a obra de Afonso do Paço em que se referiu às numerosas escavações realizadas pelo homenageado em vários pontos do país, nomeadamente no castro de Vila Nova de S. Pedro e na citânia de Sanfins, terminando por apontar Afonso do Paço como um exemplo a seguir pela Juventude que pretende dedicar-se à arqueologia. (*Diário da Manhã*, 31.1.1969).

Novos achados arqueológicos em Faro

Em escavações para as obras que decorrem na Rua de Santo António da cidade de Faro apareceram ossadas humanas, várias telhas e duas ânforas, espólio este que recolheu ao Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique (*Jornal do Algarve*, 1.2.1969).

Visita de estudo à gruta do Escoural

Quarenta alunos do Liceu de D. João de Castro, acompanhados por alguns professores, efectuaram uma visita de estudo à gruta do Escoural,

onde foram guiados pelo dr. Farinha dos Santos (*Diário de Notícias*, 24.2.1969).

Descoberta de um mosaico romano em Caranguejeira, arredores de Leiria

Descobriu-se no lugar da Caranguejeira, a 13 km. de Leiria, quando se procedia à abertura de caboucos para uma construção, um mosaico romano, policromado. Logo que tomou conhecimento deste achado, a Comissão Regional de Turismo de Leiria providenciou para que não se perdesse esta riqueza arqueológica. O mosaico, muito bom, e em regular estado de conservação, forma desenhos geométricos em harmoniosas gregas e não é historiado, devendo remontar ao século III ou princípios do século IV d. C. (*Primeiro de Janeiro*, 5.3.1969).

Arqueólogos espanhóis de visita a Portugal

Os participantes no Congresso Nacional Espanhol de Arqueologia, que este ano se reuniu em Mérida, antiga capital da Lusitânia, deslocaram-se a Portugal em viagem de estudo.

Os seus cento e cinquenta participantes visitaram ontem, acompanhados do Prof. D. Fernando de Almeida, director da Faculdade de Letras e dos seus mais directos colaboradores drs. Farinha dos Santos e Veiga Ferreira o porto lusitano-romano de Tróia e as

grutas artificiais de Palmela. Entre os ilustres visitantes contam-se diversos professores espanhóis entre os quais Malluquer de Motes, António Beltran, Garcia y Bellido, Tarradell, Baradiaran e Salvador Vilaseca. Hoje, o Prof. Beltran e um grupo de especialistas de arte paleolítica visitam a gruta do Escoural, acompanhados pelo dr. Farinha dos Santos (*Diário de Notícias*, 3.4.1969).

Inauguração do I Curso de Iniciação à Arqueologia

O Professor D. Fernando de Almeida, director da Faculdade de Letras de Lisboa, inaugurou ontem o 1.º curso intensivo de Arqueologia, promovido pelos Serviços Culturais da Mocidade Portuguesa, destinado a alunos dos liceus de Lisboa.

O curso iniciou-se com uma palestra proferida pelo Prof. D. Fernando de Almeida sobre «Lugar da Juventude no desenvolvimento da Arqueologia Portuguesa».

São também professores deste curso os drs. Maria Salette Gomes Simões, João Salvado, Veiga Ferreira e Farinha dos Santos (*Diário de Notícias*, 11.4.1969).

Exposição de peças etnográficas e arqueológicas na Covilhã

Os materiais etnográficos e arqueológicos que figuram na exposição patente nos salões da Comissão Regional

de Turismo e em outras dependências camarárias da Covilhã resultam de investigações efectuadas pelo dr. João Castro Nunes na área da Serra da Estrela e regiões limítrofes, particularmente na bacia do rio Alva e curso médio do Mondego.

Na exposição constam as seguintes peças, agrupadas por conjuntos arqueológicos: machados eneolíticos, alabardas, facas, punhais, pontas de seta, contas de colar em calaíte, mós manuais, fíbulas, moedas, fragmentos de lucernas, etc.. Também ali se encontram as seguintes espécies etnográficas: cornas esculpidas, chocalhos decorativos, colheres de escudela, coleira de marfim, um píforo, etc. (*Primeiro de Janeiro*, 17.4.1969).

Visita de estudo à Miróbriga dos Célticos

Alunos do Liceu de D. João de Castro, acompanhados por professores, realizaram uma visita de estudo à estação arqueológica de Miróbriga (Santiago de Cacém) onde observaram as imponentes ruínas postas a descoberto pelo Prof. D. Fernando de Almeida ao longo de várias campanhas de escavações (*Diário de Notícias*, 28.4.1969).

Defesa do património nacional

Por despacho do Subsecretário de Estado da Administração Escolar foi mandada inventariar a seguinte peça,

pertencente ao Instituto Missionário Salesiano, em Manique de Baixo, Alcabideche:

Ara de mármore de 1,64 m de altura máxima e 0,53 m de largura máxima, que contém a seguinte inscrição:

ARACO — ARANIO
NICEO I. MAXIMA
A V V I. V. A. S. L. S.

(*Novidades*, 8.6.1969).

Segundo curso de iniciação arqueológica

Promovido pelo Commissariado da Mocidade Portuguesa principiou o segundo curso de iniciação à arqueologia a cargo do Prof. D. Fernando de Almeida e dos drs. Farinha dos Santos, Veiga Ferreira, Salette Simões e João Salvado.

Inaugurou o curso o Prof. D. Fernando de Almeida com uma lição sobre «Lugar da juventude no desenvolvimento da arqueologia portuguesa» (*Diário de Notícias*, 17.6.1969).

Arqueologia de Cascais

Na sala de música do Museu Condes Castro Guimarães, o doutor Octávio da Veiga Ferreira proferiu uma conferência sobre a arqueologia do concelho de Cascais, ilustrada com projecções (*A Nossa Terra*, 27.6.1969).

Segundo curso de iniciação à arqueologia

Encerrou-se na estação lusitano-romana de Tróia o II Curso de Iniciação à Arqueologia em que participaram sessenta alunos dos liceus e das escolas técnicas de Lisboa.

Durante três dias os estudantes receberam ali lições práticas de arqueologia, ao ar livre, proferidas pelos drs. Farinha dos Santos e João Salvado. No último dia, vinte elementos do Centro Português de Actividades Submarinas, dirigidos pelo arquitecto Jorge de Albuquerque explicaram aos participantes do curso, em teoria e na prática, a colaboração que os mergulhadores podem prestar na prática da Arqueologia Subaquática.

Numa das salas do Palácio de Tróia, onde os estudantes estiveram alojados houve, depois, um almoço presidido pelo comissário nacional.

No fim da refeição, usou da palavra, em nome dos seus colegas, o estudante do 7.º ano do Liceu Gil Vicente, Eduardo Leitão, que manifestou o seu contentamento por ter frequentado o curso de Arqueologia e sublinhou a maneira agradável e válida como tinham sido ensinadas as matérias dos vários períodos arqueológicos desde a pré-história às épocas romanas e visigótica, agradecendo a oportunidade dada a tantos jovens de se iniciarem no estudo de tão apaixonante domínio.

A seguir o dr. João Salvado acentuou o interesse que a juventude de todo o mundo está a dedicar à Ar-

queologia e a forte e benéfica influência que ela exerce nos jovens, através da descoberta de um mundo maravilhoso, sublinhando, por outro lado, a sua importância científica como o laboratório dos nossos tempos. Os arquivos devassados pelos investigadores, continuou, já não têm mais revelações. É à terra que temos de pedir, em muitos sectores, os elementos de leitura das páginas desconhecidas dos tempos longínquos. A seguir, após relatar o que fora o curso, lembrando a acção positiva exercida pelos professores, arqueólogos especialistas encarregados de o ministrar, terminou por salientar o espírito de colaboração e de grande camaradagem que se estabeleceu entre todos os participantes do curso, elogiando a entidade promotora de iniciativas deste género.

O Tenente-Coronel Gomes Bessa falou, depois, para expressar a sua satisfação pelos resultados obtidos.

Para terminar realizou-se uma visita às escavações do porto lusitano-romano de Tróia, guiada pelo dr. Farinha dos Santos (*Diário de Notícias*, 1.7.1969).

Segunda campanha de escavações na Lapa da Rainha (Vimeiro)

Uma importante gruta pré-histórica, situada na região de Maceira-Vimeiro, está a ser explorada por uma missão arqueológica, sob a responsabilidade do Museu Nacional de Arqueologia, da direcção do Prof. D. Fernando de Almeida, com a colaboração da Direc-

ção-Geral de Minas e Serviços Geológicos cujo director-geral eng.º Soares Carneiro, deu todo o apreço e compreensão, e ainda com as facilidades extraordinárias concedidas pelo sr. Joaquim Belchior, proprietário e concessionário das Águas do Vimeiro, dinâmico impulsionador do turismo da região de Maceira-Vimeiro.

Os trabalhos de investigação estão a ser feitos pelos drs. Farinha dos Santos, conservador do Museu Nacional de Arqueologia, e Veiga Ferreira, funcionário da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos e também conservador do Museu Nacional, e, ainda com a colaboração do cientista francês Prof. Ab. Jean Roche, do «Centre National de la Recherche Scientifique de Paris», há longos anos, investigador da arqueologia portuguesa, com o seu nome ligado aos estudos arqueológicos de Muge, estação considerada das mais importantes do Mundo na época mesolítica.

A Lapa da Rainha é uma diaclase (fractura natural da rocha), muito alargada, de planta sinuosa, com a primitiva entrada voltada para a oficina de engarrafamento. Posteriormente, há poucos anos, a sala do fundo ficou a descoberto, devido a um tiro de pedreira que deitou abaixo, por uma das fendas longitudinais, a parede lateral. Esta sala, e parte do corredor, foram devastados por amadores e arqueólogos incompetentes, havendo a indicação de existirem alguns materiais nas reservas do Museu de Belém. Um investigador torriense de grande mérito, Leonel Trindade, nas suas visitas

nos arredores de Torres Vedras, recolheu alguns dentes de animais nesta gruta que haviam sido deixados por aqueles vândalos. A partir de 1968, começou a fazer-se a investigação científica pelas entidades acima referidas, com o fim de ajuizar do depósito arqueológico ali reconhecido.

A gruta apresenta real interesse e, em especial, os restos de animais aparcidos são dos mais importantes que se encontraram até hoje em Portugal. Nessa época de há entre 20 000 a 50 000 anos, o clima era bem diferente do actual e ali viviam, como o provam os restos encontrados, o rinoceronte, a hiena, o grande veado, o grande boi primitivo, o urso cinzento, cavalos, felinos, lobos, aves e pequenos roedores e, ainda, animais insectívoros como morcegos, toupeiras, ouriço-cacheiro, etc. A descoberta mais importante, até agora, é a de três dentes incisivos de um homem muito antigo que habitou aquela região.

Têm-se também descoberto alguns restos de indústria, destacando-se um grande bloco de sílex trabalhado, a maior das peças do género encontradas em estações paleolíticas portuguesas.

Salientam-se, ainda, alguns objectos de adorno, como dentes de veado polidos e furados, conchas marinhas furadas, falanges de veado, etc.. Na mesma gruta, foram achados, também, instrumentos de osso, como furadores e pontas de veado afeiçoadas, objectos de grande valor arqueológico.

As grutas mais importantes da região de Maceira-Vimeiro situam-se no

Vale das Termas, cujo rio desagua em Porto Novo. Do ponto de vista geológico, o vale pertence à categoria dos chamados tifónicos, isto é, vales feitos por falhas ou fracturas longitudinais e profundas da crusta terrestre. As referidas grutas apareceram nos bordos superiores daquele vale, nos calcários jurássicos, cuja idade pode atingir mais de 200 milhões de anos. Foram abertas por erosão cárstica, quer dizer, por dissolução dos calcários pela água saturada de gás carbónico, nas diaclases ou fendas paralelas ao vale e, por conseguinte, formando as falhas que deram origem ao vale tifónico. São conhecidas, pelo menos, três grutas de certa importância como grandeza. A primeira, a montante das Termas, chama-se a «Pedra do Sino». Muito embora não pareça ter grande interesse arqueológico, pelo menos por agora, uma vez que não foi explorada, é, no entanto, interessante como fenómeno para a espeleologia.

A segunda, situada, por cima da piscina, é conhecida pela «Gruta do Sapateiro» e foi explorada antigamente, em 1908, por Nery Delgado, segundo director dos Serviços Geológicos de Portugal, arqueólogo e geólogo de grande nomeada. Ali encontrou aquele investigador materiais da Idade do Bronze, isto é, de cerca de 1500 a 2000 anos a. C. Esses materiais encontram-se no Museu dos Serviços acima referidos. A terceira, chamada «Lapa da Rainha» e na qual apareceu o espólio atrás referido está aberta no topo dos calcários da crista este do vale, por cima do balneário das Termas e

em frente do edifício da oficina de engarrafamento da Empresa das Águas do Vimeiro. (*Flama*, 4.7.1969).

Cepos de âncoras romanas recolhidos no mar do Ancão (Sesimbra)

Portugal está a um passo de adquirir notoriedade, em todo o mundo, num dos ramos da arqueologia marítima, graças ao esforço desenvolvido por um grupo de jovens mergulhadores, com vista à recuperação de velhas âncoras perdidas no fundo do mar.

Tal esforço desenvolve-se ao largo da costa de Sesimbra, no chamado mar do Ancão. É aí que, todos os fins-de-semana, várias equipas de jovens mergulhadores, diplomados pela Escola de Brigadas Especiais de Campo da Mocidade Portuguesa, devassam o abismo em busca daquelas preciosidades.

O número de achados eleva-se, neste momento, a oito. Seis efectuados durante o ano passado e dois nos últimos dias, após um interregno que durou três estações: Outono, Inverno e Primavera. A suspensão dos trabalhos por tão longo período verificou-se em resultado dos perigos que, fora da época estival, tornam o mar de Ancão pouco propício à tarefa dos mergulhadores. Trata-se, com efeito, de uma zona devassada por correntes poderosíssimas, que tudo aconselha evitar em períodos de tempo instável.

A chegada do Verão e a lembrança dos bons resultados obtidos, no refe-

rido local, durante as investigações do ano passado deram origem a que numerosas equipas de mergulhadores da Mocidade Portuguesa se concentrem em Sesimbra todos os fins-de-semana, a fim de prosseguirem as pesquisas no fundo do mar. Que o reatamento dos trabalhos se verificou sob os melhores auspícios, prova-o a recuperação, em 15 dias, de duas velhas âncoras romanas cuja antiguidade se admite ser muito próxima dos dois mil anos.

Uma dessas âncoras foi encontrada por Rui Barracosa e recolhida pela equipa onde este se integrava, de parceria com José Manuel Rolo e Joaquim Canas Mendes. Localizado à profundidade de 24 metros, o precioso achado tinha o peso de 76 quilos e meio, medindo 1,22 metros.

A última âncora descoberta foi localizada por José Luís Almeida de Sousa e possui dimensões ainda maiores, com 107 quilos. Esta âncora foi assinalada com uma bóia e a sua remoção para bordo só foi efectuada no dia seguinte, com a colaboração do Prof. Álvaro Vilar Moreira, subdirector da Escola de Brigadas Especiais de Campo da M. P. e monitor dos cursos de mergulhadores daquela organização.

Sempre que uma âncora ou outro objecto de valor arqueológico se depa-ram aos mergulhadores, o facto é participado às autoridades marítimas, que muitas vezes colaboram na fase final dos trabalhos indispensáveis à sua recolha.

O destino destes achados é, normalmente, o Museu de Marinha. Só a tí-

tulo excepcional irão figurar noutros locais. Está neste caso, por exemplo, a Mocidade Portuguesa, em cuja sede se encontra exposta, devidamente reconstituída, uma das âncoras recuperadas pelos seus mergulhadores. Isso verificou-se, como é óbvio, em reconhecimento dos serviços prestados por aquela organização no campo da arqueologia marítima.

Mercê de tais serviços, Portugal está, conforme já acentuámos, em posição de certo relevo no que respeita à antiguidade e ao número de âncoras descobertas nas suas águas territoriais.

Segundo nos informou um dos jovens mergulhadores, a França vai à frente em tal domínio, com 11 âncoras, faltando-nos apenas três para a igualar. A avaliar pelo ritmo das descobertas no mar de Ancão, tudo leva a crer que dentro em breve o nosso país seja detentor de um «record» neste ramo da arqueologia.

Entretanto — e para além dos aspectos já considerados — a estranha concentração de tantas âncoras no mesmo local, permite fazer as conjecturas mais diversas e reclama, por isso, um estudo dos especialistas. Admitindo que o seu peso não as torna facilmente removíveis e que, a ter havido ali naufrágios sucessivos, por certo deixariam outros vestígios, não deixa de causar estranheza a predominância de tantos e, afinal, tão raros objectos numa zona de extensão relativamente diminuta. Haverá quem saiba esclarecer o fenómeno? (*Diário Popular*, 10.7.1969).

Lápide funerária de Reguengo de Matos (Ourique)

Foi mandada inventariar a seguinte peça, propriedade do sr. dr. José Gomes Polido Garcia, residente em Beja, na praça de Diogo Fernandes:

«Lápida funerária de xisto encontrada na Herdade do Reguengo de Matos, sita no concelho de Ourique. As dimensões máximas são: altura, 1,04 m; largura, 0,60 m e espessura, 0,08 m. Contém o seguinte texto, exarado em capitais de 0,07 m de altura e distribuído por três linhas: «G. Atilivs/ /Statvlivs/H. I. S. E.». (*República*, 1.8.1969).

Nova direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Tomou posse a nova direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses, últimamente eleita pela assembleia geral, para a gerência do triénio de 1969-1972 e que é assim constituída: presidente — Prof. Doutor D. Fernando de Almeida; 1.º vice-presidente — Dr. Joaquim Alberto Iria Júnior; 2.º vice-presidente — Doutor Octávio da Veiga; secretário-geral — Dr. José Timóteo Montalvão Machado; 1.º vice-secretário — Dr. Manuel Farinha dos Santos; 2.º vice-secretário — Marquês de Abrantes; tesoureiro — Rogério de Figueiroa Rego (*A Voz*, 2.8.1969).

Menir do Outeiro (Reguengos de Monsaraz)

Conhecido na toponímia local pela designação de «penedo comprido» en-

contra-se intacto e é na sua tipologia o mais importante e o de maiores proporções assinalado na Península.

Está esculpado num gigantesco bloco de granito regional pesando cerca de oito mil quilos e medindo 5,60 metros de altura por 0,90 m de diâmetro médio.

Os trabalhos de exploração de levantamento e de consolidação do monumento foram orientados pelos arqueólogos drs. Henrique Leonor Pina e José Pires Gonçalves com a colaboração do técnico de pedraria sr. Francisco Mendes, de Évora e tiveram o patrocínio da Junta Distrital de Évora e do Grupo dos Amigos de Monsaraz (*Diário de Notícias*, 3.8.1969).

Primeira campanha de escavações na gruta do Bico do Pássaro (Serra de Montejunto)

Terminou a I Campanha de Escavações na gruta do Bico do Pássaro, situada na serra de Montejunto. Os trabalhos foram dirigidos pelos drs. Leonel Ribeiro e Farinha dos Santos e neles colaboraram alguns dos componentes das Brigadas Especiais de Campo da Mocidade Portuguesa e diversos jovens do Cadaval. Esta escavação incidiu, principalmente, na primeira galeria da gruta onde, com a aplicação da técnica do registo tridimensional, se recolheram numerosos fragmentos de cerâmica preta, alguns com belos perfis, muitos ossos, dentes e carvões. Ainda é cedo para se esta-

belecer uma classificação precisa destes achados (*Diário de Lisboa*, 2.9.1969).

Descoberta uma estrada romana

Nos subúrbios de Lousada (Douro) alguns operários que procediam a escavações para a construção de um prédio encontraram uma estrada romana, pouco depois também descoberta por outra pessoa quando procedia à montagem de uma báscula (*O Século*, 25.9.1969).

Primeiras Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses

No ambiente vetusto das ruínas da Igreja do Carmo, iniciaram-se ontem as Primeiras Jornadas Arqueológicas, promovidas pela centenária Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Presidiu à inauguração o subsecretário de Estado da Administração Escolar, doutor Justino Mendes de Almeida, ladeado pelos srs. Prof. Manuel Heleno, D. Domingos de Pinto Brandão (bispo-auxiliar de Leiria), Profs. Garcia y Bellido e Tarradell, respectivamente das Universidades de Madrid e de Valência, e Artur Gusmão, director do Serviço de Belas-Artes e Arqueologia da Fundação Calouste Gulbenkian.

Aberta a sessão, usou da palavra o Prof. D. Fernando de Almeida, presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses e director da Faculdade de Letras de Lisboa, que, após

saudar o subsecretário de Estado e as restantes individualidades nacionais e estrangeiras, pronunciou uma breve mas significativa alocução sobre os objectivos que presidiram à realização daquelas jornadas, de homenagem à memória do arqueólogo falecido, Afonso do Paço; salientou que a Associação dos Arqueólogos Portugueses tem a intenção de levar a efeito idênticas jornadas, de dois em dois anos, e nelas homenagear arqueólogos portugueses que tenham dado o seu contributo para o estudo da arqueologia nacional.

Depois de agradecer o valioso subsídio dado à iniciativa pelo presidente do Município de Lisboa, General França Borges, o Prof. D. Fernando de Almeida, referindo-se, mais propriamente aos objectivos da reunião, disse: «Sabemos que os congressos se encontram bastante desacreditados, pois muitas vezes, as pessoas que neles participam, o fazem mais pelas manifestações que os acompanham, do que pelos interesses científicos que levaram à sua realização. Estas jornadas foram pensadas para constituírem uma manifestação valiosa e positiva de maneira a permitirem trocas de impressões e de ideias sobre problemas que interessam a todos.»

Depois de um breve intervalo, iniciaram-se os trabalhos das jornadas, tendo apresentado uma comunicação sobre *Issibeus*, «uma nova divindade do panteão lusitano-romano», o sr. D. Domingos de Pinho Brandão, bispo-auxiliar de Leiria. Depois de informar que tinha adquirido a lápide num

antiquário do Porto, fez dela a descrição pormenorizada, classificando-a na época e ilustrando a comunicação com desenhos explicativos.

O Prof. D. Fernando de Almeida apresentou, a seguir, uma comunicação sobre «um possível bastão romano encontrado no Alentejo», descrevendo a peça como rara, em diorito, apresentando em cada extremidade uma cabeça de pantera em bronze.

O dr. Alberto Iria apresentou depois, um trabalho sobre «Aspectos humanos das viagens de Vasco da Gama à Índia», salientando o tradicional humanismo português anti-racista e o contacto com as populações nativas de África, reflectido nas viagens do Gama à Índia com o qual teve início a política de casamentos luso-muçulmanos no Oriente, de tão fecundas consequências na miscegenação da zona indo-gangética.

Falou, depois, o marquês de Abrantes, que tratou o tema: «A heráldica funerária do conde D. Pedro de Meneses», tecendo algumas breves considerações sobre a vida e obra do 1.º conde de Vila Real, descrevendo o seu túmulo e a heráldica nele existente. Transcreveu, a seguir, o seu epitáfio e um documento a ele referente na sua magnificência primitiva.

O dr. Gabriel Ribeiro da Rocha Souto leu, a seguir, uma comunicação sobre «Frei Luís de Granada — Uma figura eterna». O autor começou por justificar a oportunidade do tema, alegando a importância internacional de Frei Luís de Granada, pela actualidade da sua doutrina e obra e honrosa cir-

cunstância da sua cultura humanística hispano-portuguesa. Referiu-se, depois, à vida deste pregador, à sua obra imperecível, sublinhando o seu prestígio na sua época e o valor actual da sua obra.

Os trabalhos na parte da tarde, efectuaram-se na sala da antiga Biblioteca Nacional, tendo proferido uma conferência o Prof. Dr. Garcia y Bellido, da Universidade de Madrid, sobre «Os arranha-céus na Roma antiga». Profundo conhecedor da época romana na Península Ibérica, o Prof. Bellido apresentou dados para confirmar os seus pontos de vista, salientando que, em certa altura da sua vida urbana, Roma, a urbe imperial, tivera edifícios com 10 e 15 andares. O conhecido arqueólogo confirmou as suas afirmações através de dados recolhidos em autores latinos, nos preços que atingiam os terrenos na época, para edificação de prédios de habitação e de outros elementos concretos recolhidos através de uma conscienciosa investigação.

Apresentou, também, uma comunicação sobre «As muralhas suevas do Porto», o dr. António Coelho de Sousa Machado, que acentuou ser tradição aceite pelos historiadores da cidade do Porto, que esta teve para sua defesa e no alto onde se erigiu a Sé, muralhas construídas pelos Suevos.

O doutor Veiga Ferreira apresentou uma interessante comunicação sobre «Estudo da fauna quaternária das grutas, pelas pinturas, gravuras e esculturas». O autor analisou os grupos faunísticos com géneros e espécies representados nas grutas calcárias da Eu-

ropa, quer em pintura, gravura ou escultura.

O orador chegou à conclusão de que alguns grupos, como os bovídeos, equídeos, cervídeos, etc. foram de extraordinária abundância nos tempos quaternários. A presença de animais, disse, de clima de estepe, como o rinoceronte lanudo e o mamute, hoje extintos, conferem ao estudo da fauna quaternária um interesse muito especial.

As jornadas prosseguem hoje, com a participação de arqueólogos nacionais e da Espanha, da França, e da Inglaterra. (*Diário de Notícias*, 4.11.1969).

Com uma conferência do Prof. Hubert Savory, pronunciada em francês, sobre «O castro de Vila Nova de S. Pedro», prosseguiram, a partir das 9 horas de hoje e durante todo o dia, as sessões de trabalhos das I Jornadas Arqueológicas que reúnem estudiosos nacionais, espanhóis, ingleses e alemães.

Devido à excessiva luminosidade da sala do Museu do Carmo para onde inicialmente estavam marcadas as reuniões, foram estas transferidas para a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, no Largo da Biblioteca Pública, pela impossibilidade de naquela se efectuarem projecções.

Cerca de três dezenas de pessoas seguiram interessadamente as comunicações marcadas no programa de hoje: «O culto dos mortos», pelo marquês de Abrantes; «Evolução toponomástica de Santarém», pelo eng. José de Pina Manique e Albuquerque; «Conta

de vidro de tipo «agri» encontrada em Luanda a 10 metros de profundidade», pelo Prof. Dr. D. Fernando de Almeida; «Descoberta de uma estação languedocense em Idanha-a-Velha», pelo dr. Octávio da Veiga Ferreira (em colaboração com o Prof. D. Fernando de Almeida); «A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal)», por Carlos Tavares da Silva; «Algumas considerações e propósito de um elemento decorativo da cerâmica campaniformes», pelo dr. Victor dos Santos Gonçalves; «Contribuição para um programa de pesquisa do paleolítico inferior e médio português», pelo dr. Eduardo da Cunha Serrão; «O enigma Ibérico», pelo dr. Leonel Ribeiro; «Protecção dos testemunhos da arte rupestre pré-histórica», pelo dr. Manuel Farinha dos Santos, e «Perspectivas actuais do estudo da Heráldica Medieval Portuguesa», pelo marquês de São Payo.

À tarde, ouviram-se comunicações dos srs. dr. António C. de Sousa Machado «As muralhas suevas do Porto»; arq. Fernando Lanhas «Mapa de lugares com interesse arqueológico»; dr. Carlos Alberto Ferreira de Almeida «Algumas notas sobre o processo de romanização na zona de entre Douro e Ave»; dr.^a Maria Amélia Horta Pereira da Silva Pinto «Seis machados do castelo da Ota e uma lâmina de punhal do Rossio de Abrantes — ou as culturas do Cobre e do Bronze na bacia do Tejo»; e «Fragmentos de um sarcófago romano encontrado em Tróia», pelo Prof. Dr. D. Fernando de Almeida (em colabo-

ração com o dr. José Luís Martins de Matos).

Os trabalhos de amanhã abrem com a anunciada conferência do Prof. Barandarian sobre a existência de renas na Península Ibérica. (*Diário de Lisboa*, 4.11.1969).

Comunicações do maior interesse foram apresentadas no decorrer das Jornadas Arqueológicas que prosseguiram hoje na Escola Superior de Belas-Artes.

O professor catedrático da Universidade de Valência, Miguel Tarradell proferiu uma conferência, tendo por tema a cerâmica lusitana. Depois foram apresentadas comunicações. O dr. Octávio da Veiga Ferreira, em colaboração com D. Fernando de Almeida, J. Roche e dr. M. Farinha dos Santos, apresentou «Notícia preliminar sobre as escavações na Lapa da Rainha (Vimeiro)». Os autores apresentaram os resultados das escavações de duas campanhas naquela gruta. Além da descoberta de uma fauna quaternária muito interessante e que só tem paralelo em Portugal na gruta de Furninha, em Peniche, os autores estudaram a estratigrafia pormenorizada num corte longitudinal ali feito durante os trabalhos de escavação. O material lítico encontrado situa a ocupação humana num nível mustero-aurinhacense.

A comunicação do dr. João Albino Ferreira — «Pesos arcaicos de tear encontrados em Numão» — constituiu valiosa contribuição para o estudo do artesanato local. As espécies arqueo-

lógicas epigráficas e numismáticas encontradas em Numão são as fontes fidedignas que fundamentaram a afirmação do autor referente ao interesse pré-histórico, proto-histórico e histórico deste centro populacional, situado a uns 12 kms da confluência da Ribeira Teja com o rio Douro (de cuja margem esquerda dista 4,5 km). A comunicação teve em vista realçar o que Numão foi, na época romana e sucedâneas, como centro de artesanato. Cultivou-se intensamente o linho, quer galego quer mourisco, culturas estas que ainda hoje perduram.

O dr. Eduíno Borges Garcia falou da criação do Museu da Nazaré, sua futura localização e nome (Museu Arqueológico e Etnológico dr. Joaquim Manso), cujo decreto de criação sairá brevemente, segundo se espera. Referiu-se, seguidamente, à existência de um grupo de «Amigos do Museu», já constituído na Nazaré com estatutos aprovados, e cuja direcção já foi eleita. Finalmente descreveu o material arqueológico recolhido na região, e que virá a fazer parte do património do Museu.

Breve nota sobre os primeiros elementos estratigráficos obtidos no Castelo Velho de Veiros (Estremoz) foi apresentada por José Morais Arnaut. O autor relatou sumariamente os resultados da campanha preliminar de escavações efectuada nos meses de Agosto e Setembro do corrente ano, que foi subsidiada pelo Grupo de Amigos e pela Câmara Municipal de Estremoz. Depois de se referir aos métodos utilizados, caracterizou os vários

estratos e substratos identificados, cuja espessura total atinge 3 metros relacionando-os com os materiais nele recolhidos, pertencentes à Idade do Ferro e Época Romana.

Finalmente, antes do encerramento dos trabalhos para o período de almoço, o padre dr. António Augusto Tavares apresentou o seu trabalho sobre a «Citânia de Sanfins — habitação e modo de vida». O «castro — afirmou o autor — tão frequente no Norte do nosso País, Galiza e Astúrias, parece ter sido nestas regiões a primeira grande expressão arquitectónica de vida em comum». E acrescentou: «Os núcleos de casas, bem diferenciados, mostram uma população repartida por pequenas unidades de base familiar. Dois grandes edifícios ligados entre si, de planta rectangular, a avaliar pelo espólio, devem ter sido destinados a uma finalidade pública. Isso e uma urbanização consciente e regular, embora adaptada à topografia natural pré-existente, bem como outros dados, fazem supor uma convivência urbana».

Fez uma análise pormenorizada de dois núcleos de casas, bem característicos, escavados em 1967, última campanha de Afonso do Paço, considerando pormenores de interesse para o conhecimento do sistema de vida familiar. A exposição foi ilustrada com projecções.

A sessão de encerramento das Jornadas efectua-se à noite, sob a presidência do General França Borges, presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

No decorrer da tarde foram apresentadas outras comunicações: «Nota preliminar sobre a cerâmica decorada com motivos folha-de-acácia» e «O neolítico na península de Setúbal» pelo dr. Vítor dos Santos Gonçalves; «A Pedra Escrita da Tapada do Cordeiro» pelo eng.º Luís de Albuquerque e Castro; «Novos elementos para a arqueologia bracarense» pelo Prof. José Ri-gaud de Sousa, em colaboração com a sr.ª D. Maria de la Salette da Ponte; e «Algumas descobertas recentes no sudoeste de Angola (nota prévia)», pelo dr. Miguel da Fonseca Ramos. (*A Capital*, 5.11.1969).

Na sede da Associação dos Arqueólogos Portugueses, nas ruínas da igreja do Carmo, realizou-se ontem à noite, a sessão de encerramento das I Jornadas Arqueológicas a que presidiu o General França Borges, ladeado pelos Prof. D. Fernando de Almeida, drs. Alberto Iria, Veiga Ferreira e Farinha dos Santos e pelo marquês de Abrantes, respectivamente, presidente e directores daquela Associação, promotora das referidas jornadas.

Usou, em primeiro lugar, da palavra, o Prof. D. Fernando de Almeida, que começou por referir o êxito que a reunião alcançara, agradecendo a valiosa colaboração prestada pelos arqueólogos espanhóis, franceses e ingleses, assim como a importante participação dos arqueólogos portugueses.

Disse, depois, que fora com a maior satisfação que assistira à participação da juventude nos trabalhos, manifestando-lhes o maior reconhecimento por parte da Associação dos Arqueólogos

pelas suas importantes intervenções, agradecendo depois ao director da Escola Superior de Belas-Artes as facilidades concedidas à organização das Jornadas, de modo a que as comunicações, acompanhadas de projecções, pudessem alcançar os objectivos que se pretendiam, pondo à disposição uma das salas daquele estabelecimento de ensino superior.

Por fim, dirigiu os maiores agradecimentos ao presidente do Município de Lisboa, salientando os valiosos subsídios que tem concedido à Associação dos Arqueólogos, sem os quais — disse — as jornadas não poderiam ter-se realizado, lembrando, ainda, toda a acção do General França Borges na salvaguarda do património histórico e cultural de Lisboa, em especial do Teatro Romano.

Leu, depois, os seguintes votos aprovados pelas Jornadas: 1.º — A Associação congratula-se com a realização das jornadas; 2.º — A Associação procurará insistir junto das autoridades competentes pela criação de meios mais eficientes do que os actuais para a conservação dos monumentos arqueológicos nacionais; 3.º — A Associação viu, com o maior agrado, a parte activa e válida da juventude nas jornadas; 4.º — A Associação tomou a seu cargo a publicação das actas das jornadas; e 5.º — A Associação torna público o seu agradecimento à Câmara Municipal de Lisboa, por todo o apoio prestado, na pessoa do seu Presidente, General França Borges.

Falou, depois, o presidente do Município, que começou por agradecer a

honra de estar presente naquele momento, a presidir ao encerramento de uma iniciativa que prestigiava quantos nela participaram, assim como a instituição centenária que a tinha levado a efeito. Saudou, depois, os arqueólogos estrangeiros presentes e elogiou a acção do Prof. D. Fernando de Almeida, particularmente, pelo que tem feito para pôr a descoberto e salvaguardar o Teatro Romano de Lisboa, informando, a propósito, as dificuldades e obstáculos que têm surgido para a compra de prédios e outros contratempos de vária ordem com o fim de tornar possível a escavação do local, onde se encontram vestígios daquele teatro. O General França Borges terminou por saudar o espírito jovem de todos os participantes das jornadas posto ao serviço da cultura e dos valores que enobrecem as instituições e os povos.



De entre importantes comunicações apresentadas nas I Jornadas da A. dos Arqueólogos salientamos a do prof. dr. Tarradell, da Universidade de Valência, sobre «Problemas de Cerâmica Lusitana». O autor acentuou que existem em Portugal cerâmicas pré-romanas pintadas com bandas e franjas que têm sido classificadas de Ibéricas. Como «Ibérico» — disse — tem um valor etnológico porque em Portugal não existiram Iberos, o prof. Tarradell propôs que tais cerâmicas sejam chamadas «Lusitanas» porque correspondem ao território ocupado pelos antigos Lusitanos.

Também o prof. Barandiarán, da Universidade de Saragoça, apresentou um importante trabalho sobre «A Rena na Península Ibérica», salientando que o aparecimento da rena é muito importante no Paleolítico Superior, pelo carácter de um testemunho de clima «würmiense», muito frio. Contestou as teorias que dizem que a rena não passou do Sul dos Pirinéus, dando conhecimento de quinze jazidas espanholas do Cantábrico com restos ósseos de rena e de três grutas onde se representaram pinturas e gravuras desse animal. (*Diário de Notícias*, 6.11.1969).

Os participantes das I Jornadas Arqueológicas, promovidas pela Associação dos Arqueólogos Portugueses visitaram, ontem de manhã, as ruínas do Teatro Romano de Lisboa, em S. Mamede ao Caldas. Acompanharam os visitantes o presidente da Câmara Municipal de Lisboa e a dr.^a Irisalva Moita, conservadora dos museus municipais e arqueóloga encarregada das escavações do referido teatro.

A dr.^a Irisalva Moita informou os visitantes dos trabalhos realizados desde 1965, depois de referir as notícias históricas referentes à existência do Teatro Romano de Lisboa e as destruições por que passou, devido ao terramoto de 1755 e à construção de vários edifícios sobre os seus alicerces utilizando o material do teatro. Mostrou as já numerosas peças, a maioria delas constituída por grandes bases de colunas carenadas e outro material almofadado que se integrava nas suas dependências; mostrou ainda vários

fragmentos da lápida onde *Gaius Heius Primus* dedica a Nero o teatro por ele mandado construir e à sua custa.

Seguidamente os visitantes dirigiram-se para o local das escavações observando a parte já a descoberto, a cena e proscénio, vendo-se nas paredes que suportam a Rua da Saudade colunas inteiras integradas no aparelho da construção. Bases de colunas, colunas quase completas com diversas fracturas e outras peças espalhadas num já largo recinto vão dando forma à casa de espectáculos que no ano 57 da nossa era abriu as suas portas.

O presidente da edilidade tem dispensado à recuperação daquele importante património histórico a sua melhor vontade, comprando os imóveis sob os quais se encontram elementos do teatro para serem demolidos e recolhidos os materiais que hão-de um dia, reconstituir uma das glórias históricas da cidade de Lisboa.

Terminada a visita às ruínas do Teatro Romano, os participantes nas Jornadas Arqueológicas deslocaram-se ao Museu Nacional de Arqueologia, onde foram recebidos pelo seu director, Prof. Dr. D. Fernando de Almeida, que os acompanhou atentamente através das várias dependências daquele museu.

Na parte da tarde, partiram para uma visita às grutas de Alapraia, em S. João do Estoril, nas quais o falecido arqueólogo Afonso do Paço trabalhou durante anos, recolhendo material arqueológico de muito valor.

Junto à gruta n.º 2, realizou-se uma breve cerimónia, tendo usado da pa-

lavra o vice-presidente do Município de Cascais, D. António de Castelo Branco e o dr. Veiga Ferreira, vice-presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses para lembrarem a acção desenvolvida pelo Tenente-Coronel Afonso do Paço em tantas estações arqueológicas portuguesas, às quais dedicou toda a sua vida. O vice-presidente da Câmara de Cascais convidou, depois, a viúva do homenageado, sr.^a dr.^a D. Maria João do Paço, a descerrar uma lápida que dá o nome de Tenente-Coronel Afonso do Paço ao largo junto às grutas; a viúva daquele saudoso arqueólogo agradeceu, em palavras comovidas, a homenagem que acabava de ser prestada a seu falecido marido.

A visita prosseguiu, depois, até Cascais onde os participantes foram recebidos no Museu Conde de Castro Guimarães. Após visitarem a sala onde se encontram expostos os materiais arqueológicos recolhidos por diversos arqueólogos em várias estações de todo o concelho, o Município de Cascais ofereceu-lhes uma merenda. Aos brindes usaram da palavra, para agradecer a fidalga recepção, os drs. Veiga Ferreira, Souto e Leonel Ribeiro, retribuindo os presidente e vice-presidente da Câmara de Cascais, que disseram do grande prazer que sempre tinham em receber condignamente representantes de instituições culturais de tanto nível.

Hoje, durante todo o dia, efectua-se uma visita, ao povoado fortificado do Zambujal, em Torres Vedras e às grutas da Lapa da Rainha e da Lapa do

Sapateiro, no Vimeiro, e, ainda ao local de desembarque das tropas inglesas que tomaram parte na batalha do Vimeiro, quando das invasões napoleónicas. (*Diário de Notícias*, 7.11.1969).

Curso de Iniciação na Arqueologia

Com uma visita a efectuar amanhã, ao Museu Castro Guimarães, Palácio da Pena e grutas de Alapraia e Adraga I, considera-se inaugurado o curso de «Formação Portuguesa e Cristã: Iniciação na Arqueologia», que está patente a uma classe mista de 60 finalistas do Ateneu Comercial de Lisboa, tendo como orientadores responsáveis os srs. dr. Paulo Soromenho e o espeleólogo Alexandre Morgado.

É composto por 20 aulas teóricas e práticas que versarão temas de arqueologia, espeleologia e molinologia.

Terá lugar neste edifício escolar aos sábados onde se realizarão algumas conferências por figuras representativas da cultura e ciência portuguesas.

Ao longo do curso serão visitadas várias grutas, estações arqueológicas e museus, com vista a uma melhor aprendizagem. Essas visitas darão, sob o ponto de vista pedagógico, um curso dinâmico, levando deste modo os alunos a viverem os ínfimos pormenores da ciência e da cultura (*República*, 7.11.1969).

A criação de um museu monográfico na Citânia de Briteiros

Em Guimarães, efectuou-se, hoje, uma cerimónia de homenagem ao

grande benemérito Calouste Gulbenkian, à qual assistiu o presidente da respectiva Fundação doutor Azeredo Perdigão.

Abriu a sessão o Coronel Mário Cardoso, presidente da Sociedade Martins Sarmiento, que a certa altura, disse:

«Uma das aspirações desta Casa, que aguarda possibilidades económicas de realização, é a instalação em Briteiros de um museu monográfico das ruínas arqueológicas da Citânia, no solar, há 40 anos devoluto, sem qualquer aplicação, que o sábio Martins Sarmiento legou a esta Sociedade. É, sem dúvida, uma obra de indiscutível interesse. Em Portugal, que sabemos, apenas duas estações arqueológicas possuem junto das próprias ruínas museus unicamente constituídos refiro-me ao Museu Monográfico de Conímbriga e ao pequeno Museu da Citânia de Sanfins ⁽¹⁾, este fundado pelo saudoso arqueólogo falecido padre Eugénio Jalhay, explorador daquelas ruínas. De igual modo, o espólio pertencente às ruínas de Briteiros podia e devia ser desagregado dos abundantes materiais de procedências diversas existentes no Museu desta Sociedade, e transferido para junto da Citânia de onde proveio, sendo ali instalado, na casa solarenga que pertenceu a Martins Sarmiento, tão sugestiva e evocadora, pois foi contemplando das janelas dessa antiga vivenda campestre, tipicamente minhota, o monte

fronteiro de Briteiros, que o sábio viaranense se tentou a efectuar na remota cidade lusitano-romana, assente lá no alto, as pesquisas que imortalizaram o seu nome e que tanta claridade projectaram no mundo da ciência do Passado acerca das nossas origens étnicas». (*República*, 9.11.1969).

O castro de Freixial (Trás-os-Montes)

O castro do Freixial, situado na margem esquerda da ribeira e a cerca de 200 m acima do vale, é constituído por seis muralhas que envolvem grandes quantidades de terras e considerado um dos maiores do Norte do país e talvez o maior de Trás-os-Montes. Ao longo dos seus recintos deparam-se nos restos de casas castrejas de formas concêntricas e rectangulares e achados de várias espécies. Na rua Queimada, de Freixial, existe numa antiga casa de comércio, um pequeno museu arqueológico onde as prateleiras foram aproveitadas para mostruário de cerâmica e machados de pedra polida, assim como de várias outras pedras com feitios diversos. Pelo chão estão dispostas imensas mós de moinhos manuais, tijolos, blocos de pedra, etc. O espólio existente inclui já vinte mós manuais, uma coluna completa, dez machados de pedra polida, centenas de fragmentos de cerâmica, vasos funerários, três moinhos de rolo, imensas pedras com vários feitios, uma estátua que representa uma forma mui-

(1) Existem mais dois pequenos museus monográficos: um em Idanha-a-Velha e outro em Odrinhas, Sintra (*N. R.*).

to distorcida, restos de pratos em cerâmica, etc. (*O Comércio do Porto*, 12.11.1969).

Conjunto de menires descoberto na Herdade do Xerez (Reguengos de Monsaraz)

O levantamento e reposição do «menir» do Outeiro, sob o patrocínio da Junta Distrital de Évora, suscitou o interesse das populações da região de Monsaraz pelos monumentos megalíticos deste tipo e levou agora o lavrador sr. José Cruz a descobrir um novo e importante conjunto arqueológico do tipo *menir* localizado na herdade do Xerez, entre Monsaraz e o rio Guadiana.

Imediatamente comunicado o achado ao sr. dr. Pires Gonçalves, este arqueólogo deslocou-se ao local assinalado, e ali verificou tratar-se, de facto, de um importante conjunto megalítico composto por vários menires que se admite terem integrado um cromeleque de amplo circuito. O maior megalito do conjunto é também, como o famoso menir do Outeiro, do tipo «fálico», embora sem os preciosismos de diferenciação anatómica figurados neste último monumento. Este novo menir fálico de Monsaraz, constituído por uma coluna irregular cilíndrica de granito de medindo cerca de 4 metros de comprimento por 0,75 de diâmetro médio, encontrava-se prostrado e quase totalmente enterrado em local próximo da eira do monte do Xerez, a uns 200 metros deste

monte perto da estrada que, na ponte do Guadiana, conduz a Monsaraz.

A maior parte dos menires que integravam o primitivo traçado do cromeleque estão felizmente intactos. Foram deslocados, arrastados e amontoados pelas máquinas que, para efeitos de beneficiação agrícola das terras, procediam a operações de despedramento na herdade do Xerez.

O sr. doutor Raul Miguel Rosado Fernandes, proprietário da herdade onde ocorreu este importante achado arqueológico, logo que dele tomou conhecimento, ordenou a suspensão dos trabalhos de despedramento naquela zona e a protecção e recuperação de todos os menires que integravam o conjunto monumental. (*Jornal de Notícias*, 11.11.1969).

Secção de Arqueologia em Sintra

A Câmara Municipal de Sintra, através do seu pelouro cultural, pensa criar no Palácio Valenças, anexo à Biblioteca Municipal, uma secção de arqueologia, que reunirá os espólios provenientes dos monumentos arqueológicos de que Sintra é rica e de peças em poder de coleccionadores particulares, achados no concelho. Deste modo, o património arqueológico do concelho de Sintra será consideravelmente enriquecido pela reunião de peças até agora dispersas e, aos achados do monte Sereno, doados pelo arqueólogo Félix Alves Pereira, juntar-se-ão os de outras estações arqueológicas sintrenses não menos importantes.

A iniciativa que se deve ao espeleólogo sr. Alexandre Morgado, tem sido entusiasticamente acarinhada pelo conservador da Biblioteca Municipal de Sintra, o escritor sr. Francisco Costa. (*O Século*, 12.11.1969).

Pinturas rupestres descobertas no Huambo (Angola)

Terão entre oito a dez mil anos as pinturas rupestres existentes na estação arqueológica do Caningui (a pedra pintada) no distrito do Huambo, que foram agora estudadas pelo prof. Santos Júnior, da Universidade de Luanda, aguardando-se os resultados das observações e recolhas.

As pinturas que se estendem ao longo de cerca de vinte metros de parede, num abrigo natural em forma de pala, encontram-se a uma altura que vai, em regra, de um a três metros; são essencialmente em tons brancos, rosa e ocre, mais ou menos carregado e, também, embora menos abundante, em negro. São constituídas por linhas contíguas e por dedadas que fazem lembrar, em certos casos, o «pontilhismo» de alguns pintores da escola impressionista e representam, muito estilizadamente, figuras animalistas e antropomórficas, além de vários símbolos de forma geométrica e de difícil interpretação.

O bloco rochoso em que se encontram as pinturas, faz parte de um pequeno maciço metamórfico, o Caningui, com enormes penhascos que povos posteriormente chegados ao mesmo local, transformaram em recinto

fortificado, com muralhas de pedra sobreposta, em vários níveis.

Parece estar-se em presença de uma estação arqueológica com dois tipos de cultura e idades bem distintas: a das pinturas, cuja idade se pode contar por milhares de anos, pertencendo a um período pré-histórico e que os arqueólogos do Paleolítico denominaram «late stone age», e a do recinto fortificado, com uma idade que se poderá contar por séculos, atribuível a povos bantos cujas edificações em pedra encontraram no reino de Monomotapa o seu maior esplendor através das já famosas ruínas dos Zimbaués. (*Primeiro de Janeiro*, 9.11.1969).

Moedas portuguesas do Século XVII

Cerca de mil moedas portuguesas do século XVII, de prata e de cobre, foram encontradas por três mergulhadores desportivos de Bornholm, no fundo do estreito de Cere (Oresund), entre a Dinamarca e a Suécia.

As moedas achavam-se numa zona lodosa, entre Stammershalde e Allinge, na costa norte da ilha de Bornholm. Na mesma área foram descobertos fragmentos de um barco da mesma época, cuja origem e nacionalidade se desconhecem.

Os fragmentos situavam-se a cerca de cinquenta metros de terra e a 16 metros de profundidade.

Não se sabe se o barco era português ou escandinavo, atendendo a que a moeda portuguesa era muito usada no século XVII como divisa ou moeda

forte, para o pagamento de direitos alfandegários no Oresund. (*Diário de Notícias*, 24.11.1969).

Colóquio dos professores de História

Na continuação dos trabalhos do Colóquio dos Professores de História, decorreu ontem, no Museu Nacional de Arte Antiga, uma conferência, seguida de colóquio, intitulada «Súmula da Arqueologia Portuguesa», proferida pelo Prof. D. Fernando de Almeida, director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

À tarde, dois dos turnos de professores visitaram as colecções do Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos sob a orientação dos drs. D. Fernando de Almeida, Farinha dos Santos e Veiga Ferreira; e os outros turnos visitaram o Museu Nacional de Arte Antiga e assistiram a uma conferência sobre «A Sala de História dos Liceus». (*A Voz*, 27.11.1969).

Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Reuniu a Secção de Pré-história da Associação dos Arqueólogos Portugueses presidindo o dr. Octávio da Veiga Ferreira, secretariado pelo dr. Eduardo da Cunha Serrão.

De acordo com o Regulamento da Associação, foi eleita a nova Mesa desta Secção, tendo sido investidos nas funções de presidente, vice-presidente e secretário, respectivamente os drs. Manuel Farinha dos Santos, Eduardo da

Cunha Serrão e Mário Pires Bento. (*Diário da Manhã*, 6.12.1969).

Visita de estudo a Figueira de Castelo Rodrigo

Esteve nesta vila, o dr. D. Fernando de Almeida, director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa que, acompanhado por um grupo de alunos da mesma Faculdade veio tomar conhecimento do património arqueológico deste concelho, que lhe mereceu o maior interesse.

Esperamos que esta sua visita seja ponto de partida para o estudo das valiosas peças arqueológicas que existem na nossa região e que necessitam ser devidamente inventariadas e defendidas, antes que seja tarde.

Consta-nos que o dr. D. Fernando de Almeida ficou muito bem impressionado com o que lhe foi dado observar (*O Comércio do Porto*, 12.12.1969).

Achados romanos em Lagos

Na Rua Silva Lopes, de Lagos, durante os trabalhos ali efectuados para estabelecimento dos cabos condutores para a rede telefónica surgiram várias pequenas ânforas, pedaços de uma coluna de pedra, fragmentos de cerâmica e alguns tijolos, tudo de origem romana. Estes achados vieram confirmar a afirmação do dr. José Pimenta Fermezim, de que, um corte vertical naquela área, a uma certa profundidade, daria elementos para identificar a Lacóbriga dos Lusitanos como tendo sido fundada onde hoje é Lagos (*Diário de Notícias*, 20.12.1969).

